



III SRCCC
Seminário Regional
Comércio, Consumo e Cultura
nas cidades
Sobral-CE, 19 a 22 de junho de 2017

TERRITÓRIOS DA VIOLÊNCIA EM SOBRAL: A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E O CONSUMO NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Antonio Jerfson Lins de Freitas¹

Telma Bessa Sales²

RESUMO

A formação de territórios marcados pela violência, criando recortes urbanos segregados, fora do alcance de políticas públicas e, conseqüentemente, do poder do Estado, não é um fenômeno recente. Mais do que fruto do vácuo de poder estatal, a violência urbana é um fenômeno intimamente ligado ao consumo, ou melhor, à falta de acesso ao consumo. Se como afirma Lefebvre (1999) as cidades conseguem agregar serviços, bens, riquezas e principalmente pessoas, agrega também desejos e demanda de consumo. Contudo, nos centros urbanos não são criadas as condições necessárias para que grande parte da população tenha acesso a esse consumo. Assim, a fórmula concentração populacional, criação e agrupamento de desejos de consumo, falta e acesso ao consumo e falta de atuação do Estado na mediação de conflitos e do acesso ao consumo tem como resultado a marginalização de grande parcela social e, em muitos casos, gerando revolta e violência. Este artigo traz reflexões iniciais sobre estas questões, a serem desenvolvidas durante pesquisa realizada no Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Vale do Acaraú, que trará como objeto a construção de territórios da violência no município de Sobral-CE, comparando especificamente dois bairros próximos, o Renato Parente e o Terrenos Novos, que mesmo separados por cerca de 3 km, trazem diferenças profundas em sua ocupação e conseqüente territorialização.

Palavras-chave: Violência urbana; Sobral; Território; Produção do espaço; Mercado imobiliário.

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a sensação de insegurança aumenta exponencialmente. Relatos cotidianos de casos de violência já não fazem parte apenas dos noticiários das grandes cidades, mas tem se tornado cada vez mais presentes na pauta jornalística das cidades médias, como é o caso de

¹ Graduado em História – Lic. Plena pela Universidade Estadual do Ceará e em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Norte do Paraná – Unopar e Mestrando Acadêmico em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.

jerfsonlins@gmail.com

² Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral e reestruturação produtiva. Professora do Curso de História e do Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

telmabessa@hotmail.com

Sobral-CE. Contudo, especificamente em Sobral, ao ouvir-se o noticiário policial chega-se à conclusão de que os crimes violentos estão concentrados em áreas mais carentes de serviços públicos e onde a população, eminentemente de baixa renda, tem menor poder aquisitivo e, conseqüentemente, menos acesso ao consumo de bens e serviços.

Bairros como Alto do Cristo, + Alto da Brasília e Terrenos Novos possuem uma imagem de perigosos, perceptível nos discursos dos radialistas e da população em geral, enquanto bairros “elitizados”, de maior interesse especulativo e de maior ação dos agentes imobiliários, são referidos e entraram no imaginário como relativamente seguros.

Deste modo, este artigo faz parte de uma pesquisa inicial do curso de mestrado em geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e apresenta como objetivo constatar se dados concretos reforçam ou refutam o imaginário criado sobre a sensação de (in)segurança dos bairros sobralenses e se a ação dos agentes imobiliários contribui para a efetivação desta imagem, levando-se em conta sua atuação no direcionamento de instalação de equipamentos do Estado e desenvolvimento de ações do poder público em determinadas áreas de interesse especulativo.

Ao mesmo tempo vê-se a constituição de uma cultura de intolerância, preconceitos e exclusão social com relação às populações que residem nos bairros chamados “violentos” e a mídia produz o espetáculo das tragédias veiculadas ao vivo frente às ocorrências cotidianas nestes bairros.

A metodologia da pesquisa envolve documentos escritos, como dados da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (SSPDS), processos penais referentes a crimes de homicídio e lesão corporal, notícias veiculadas na imprensa local e narrativas orais de moradores dos bairros escolhidos para se verificar a pluralidade de opiniões em diferentes regiões do município com questões relacionadas à sensação em relação à segurança dos bairros e, após a tabulação, estes dados serão confrontados com a quantidade de crimes registrados pela SSPDS, especialmente os crimes de morte, que diferentemente de crimes de roubos e furtos e demais de menor gravidade, são obrigatoriamente registrados.

Desse modo, esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa descritiva em razão da natureza do problema, que é descrever o ambiente e os sujeitos em análise. Conforme nos ensina Gil (2010), a pesquisa de cunho descritivo tem como objetivo a descrição das características de determinada população, além de ter como finalidade identificar possíveis relações entre variáveis.

A escolha de dois bairros de Sobral como objeto de estudo deu-se basicamente por fatores de proximidade e perfis. O considerável crescimento imobiliário do Renato Parente o alçou a objeto de pesquisa para várias dissertações desenvolvidas no programa de Mestrado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Considerado um bairro seguro e habitado por pessoas de poder aquisitivo mais elevado, segundo Lima e Holanda (2014), é um dos pontos mais aquecidos do

mercado imobiliário sobralense. Enquanto isso, a poucos quilômetros (cerca de 3 km), o bairro Dr. José Euclides Ferreira Gomes (Terrenos Novos) assume um caráter diferente, aparecendo, segundo leituras prévias, constantemente no noticiário policial.

Ambos podem ser considerados bairros relativamente novos, com menos de 30 anos de existência, mas com ocupação realizada de forma distinta. Além disso, alguns equipamentos públicos de destaque foram recentemente instalados na região de ambos (nova sede do Departamento Estadual de Trânsito – Detran-CE e o Hospital Regional Norte), o que pode ser levado em consideração durante a pesquisa.

Já a delimitação temporal entre os anos de 2010 e 2015 se deve ao fato de que neste período foi registrado grande aquecimento imobiliário no Renato Parente e foi o recorte temporal no qual foram instalados os equipamentos públicos anteriormente mencionados.



Imagem 1 – Localização dos bairros Renato Parente e Terrenos Novos

Fonte: Google Maps

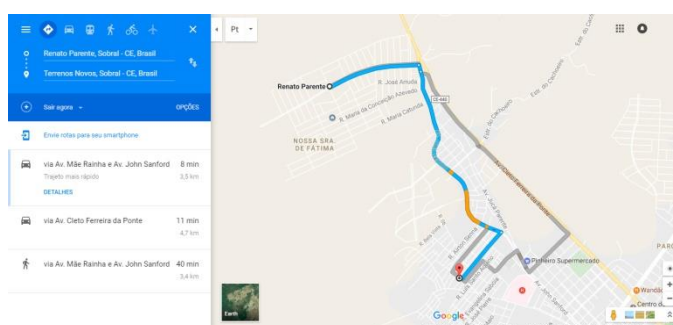


Imagem 2 – Distância entre os bairros Renato Parente e Terrenos Novos

Fonte: Google Maps

Apesar da pesquisa ainda encontrar-se em seus momentos iniciais, algumas reflexões podem ser antecipadas e deixadas em aberto para desenvolvimento futuro. Dentre estas reflexões, vale considerar que o bairro Renato Parente, apesar de ter uma população com perfil bastante diferente do bairro Terrenos Novos, com nível de escolaridade e renda maior, não dispõe de equipamentos públicos próprios, como posto de saúde, praças, posto policial ou mesmo serviços básicos, como saneamento. Além disso, o bairro sofre com constantes cortes de fornecimento de água e energia elétrica e conta com poucos pontos comerciais.

Desse modo, como será visto a seguir, a questão do vácuo de poder deixado pelo Estado, especificamente no caso deste bairro, ainda não foi catalizador dos crimes violentos, como ocorre no bairro Terrenos Novos. Mas pode-se perceber que, diferente do segundo, onde há grande população de jovens, considerada mais vulnerável à violência (FREITAS, 2012), o Renato Parente tem uma população de perfil socioeconômico bem específico, na maioria casais adultos com filhos pequenos e de classe média alta, muitos dos quais oriundos de outras regiões que migraram para Sobral para ocupar postos de trabalho que necessitam de mão-de-obra com maior qualificação e formação específica.

Contudo, ainda há um longo caminho a ser trilhado em relação a estas reflexões, que bem sucedidas poderão contribuir com a discussão sobre o tema da violência urbana, suas causas e efeitos, tão caras à geografia nas últimas décadas, tornando-se relevante por apresentar um recorte territorial bastante específico: bairros localizados em uma cidade média do interior nordestino que, além de tudo, passou e ainda colhe frutos de um auspicioso período de desenvolvimento econômico, graças à instalação de diversas indústrias, e educacional, com a criação de diversas instituições de educação superior, abrindo novas oportunidades para a população da região, tornando-se polo migratório e, assim como outras cidades que passaram pela mesma situação, veem em contrapartida o aumento da violência.

2. CONHECENDO OS ESPAÇOS E TERRITÓRIOS

A cidade de Sobral é composta por 37 bairros, de acordo com a Prefeitura Municipal de Sobral: Alto da Brasília, Alto do Cristo, Parque Alvorada (Campo dos Velhos), Centro, Cohab I, Cohab II, Cohab III, Colina da Boa Vista, Residencial Nova Caiçara, Coração de Jesus, Distrito Industrial, Dom José I (Alto Novo), Dom José II (Sumaré), Dom Expedito (Feitosa), Domingos Olímpio, Dr. José Euclides Ferreira Gomes (Terrenos Novos), Expectativa, Jatobá, Jerônimo de Medeiros Prado, Junco, Mucambinho, Novo Recanto, Padre Ibiapina, Padre Palhano, Paraíso das Flores, Parque Santo

Antonio, Parque Silvana I, Parque Silvana II, Pedrinhas, Pedro Mendes Carneiro, Recanto I, Recanto II, Renato Parente, Sinhá Sabóia, Tamarindo, Várzea Grande e a Vila União³.

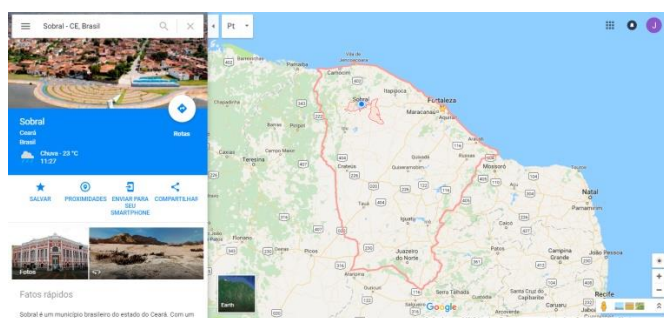


Imagem 3 – Localização de Sobral no Estado do Ceará

Fonte: Google Maps

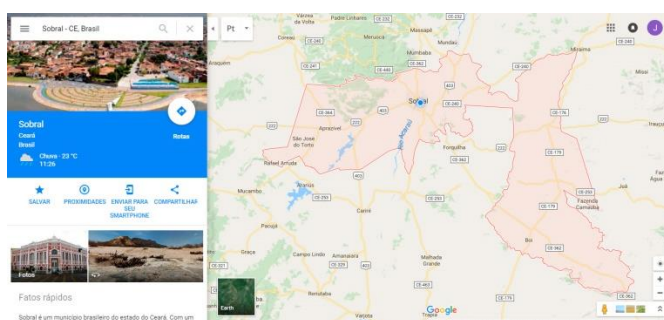


Imagem 4 – Limites de Sobral-CE

Fonte: Google Maps

Considerada uma cidade de médio porte, Sobral apresenta problemas compartilhados por suas semelhantes. O crescimento populacional originado tanto do êxodo rural quanto da grande massa de trabalhadores qualificados vindos de outros municípios, especialmente das capitais próximas, devido o surgimento de novas oportunidades criadas pela instalação de grandes indústrias e instituições de educação superior nas últimas décadas, trouxeram consigo progressos em diversas áreas, mas também tornaram mais visíveis gargalos ainda não solucionados, como a carência de serviços de saúde, transporte e, especificamente, a violência.

A nova dinâmica de ocupação do solo destas cidades médias, como Sobral, foi transformada pelos interesses e ação de agentes ligados ao desenvolvimento do capital imobiliário e industrial, como nos afirmam Lima e Holanda (2010, p. 49):

³ De acordo com dados recolhidos junto à Assessoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Sobral.

Estes agentes, responsáveis direta ou indiretamente no processo de remodelação e reorganização dos espaços urbanos, conforme Corrêa (2002), são elencados em cinco categorias: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. O reconhecimento destes se faz de suma importância no processo de compreensão da organização espacial urbana. (LIMA; HOLANDA, 2010, p. 49).

De acordo com Lima e Holanda (Op. Cit., p. 50), são as ações destes agentes que “costuram” o espaço urbano através de seus fixos e fluxos. “Segregam o espaço, via equipamentos modernos e seletivos, dos quais passam a consumir e apropriarem-se os indivíduos mais bem dotados de condições financeiras e *status social*”.

Essa ação dos agentes imobiliários, que amplia os valores dos terrenos urbanos, limitando o acesso a estas áreas a categorias de maior poder aquisitivo, acaba criando um lado negativo bastante problemático: a segregação da população mais carente a espaços com as piores condições infraestruturais, “reproduzindo um conjunto de condições sub-humanas, que conseguem transmitir uma composição de imagens negativas, marcadas também pelas altas taxas de homicídios e violências, doenças e submoradias” (LIMA; HOLANDA, Op. Cit., p. 53).

Como nos lembra Lefebvre (1999, p. 49), “A cidade (...) concentra não só a população, mas os instrumentos de produção, o capital, as necessidades, os prazeres”. Ora, a fórmula é simples: primeiro tem-se um maior fluxo de pessoas que acabam por concentrar-se nas áreas urbanas, que são caracterizadas exatamente pela maior concentração de realização de prazeres pelo consumo. A isso, soma-se o fato de que nestes locais não se oferece uma inserção da maior parte destas pessoas nestes processos de consumo. Nesta realidade, conforme destaca Willian Ribeiro da Silva (*in* SPOSITO; WHITACKER, 2013, p. 76):

Temos o aumento da seletividade, da diferenciação, da segregação, do crescimento dos empecilhos para a convivência entre pessoas de camadas sociais distintas, da formação dos condomínios e loteamentos fechados, da criação dos guetos de convivência etc.

O resultado esperado seria o que pode ser visualizado atualmente nestes grandes centros: a violência. De acordo com dados do DataSUS (portal que centraliza dados disponibilizados abertamente na internet tornando-os acessíveis mundialmente, com o objetivo de facilitar pesquisas), a quantidade de homicídios tem crescido dramaticamente em Sobral. Se em 1999 foram cometidos 33 assassinatos, em 2013 este número chegou a 103⁴. Deste modo, Sobral chegou a 52,11 óbitos / 100 mil habitantes, extrapolando em mais de cinco vezes o número considerado aceitável pela Organização das Nações Unidas (ONU), que é de 10 assassinatos por 100 mil habitantes.

⁴ DeepASK. “Taxa de homicídios: Veja número de assassinatos por cidade do Brasil - SOBRAL, CE”. Disponível em <<http://www.deepask.com/goes?page=sobral/CE-Confira-a-taxa-de-homicidios-no-seumunicipio>>. Acesso em 8 de novembro de 2015.

A escalada da violência tem preocupado as autoridades, tanto que em 2015 o Governo do Estado implantou em Sobral equipes do RAI0 (Ronda de Ação Intensiva e Ostensiva), considerado um grupo de elite da força policial local, além de estender o suporte da Coordenadoria Integrada de Operações Aéreas (CIOPAER) para a região Norte⁵.

Contudo, apesar de atualmente a imprensa local utilizar-se bastante da frase “a violência em Sobral está sem controle”, não é de hoje que a população sobralense visualiza determinadas áreas do município como violentas e outras como tranquilas.

Há certo consenso nas falas dos habitantes de Sobral de que bairros como Alto do Cristo, Alto da Brasília, Sumaré e Dr. José Euclides Ferreira Gomes (Terrenos Novos) são violentos. Mas se esse consenso, essa sensação de insegurança, surgiu devido aos relatos de violência, tanto orais quanto midiáticos, será que permanece dessa forma? E em caso afirmativo, como se dá o processo de reafirmação deste consenso?

Uma das afirmativas mais presentes nas falas produzidas na sociedade é de que populações de áreas mais carentes estão mais suscetíveis à violência, o que acaba gerando preconceito e uma visão simplista. Isso é reforçado pelos discursos reproduzidos socialmente e amplificados pelos “formadores de opinião”, especialmente a mídia. Contudo, deve-se ter cuidado com este tipo de generalização. Como explicam Borges e Nascimento (Et al, 2016, p. 10):

[...] é necessário evitar equívocos e preconceitos, como a criminalização da pobreza e dos diversos grupos sociais que habitam os espaços de desigualdades sócio espaciais, em que o papel desempenhado pelo estado se faz insuficiente. Não é um objetivo dizer que tal parcela da sociedade é mais violenta do que as que residem os espaços “nobres” da cidade. Pelo contrário, entende-se que estão mais expostas as “violências iniciais”, como a pobreza e a miséria.

Ainda sobre este cuidado, Vera Telles (*apud* FREITAS *Et. al.*) alerta que:

Esse é um terreno minado, carregado de pressuposições e lugares-comuns que estabelecem a equação fácil e rápida entre pobreza, desemprego, exclusão, criminalidade e morte violenta, equação que alimenta a obsessão securitária que, também ela, compõe o cenário urbano atual, da mesma forma como alimenta os dispositivos gestonários que mobilizam representantes políticos, operadores sociais, voluntários, agentes comunitários e também a pesquisa acadêmica (TELLES *apud* FREITAS *Et. al.*, 2012, p. 03).

A construção midiática da imagem de determinadas áreas da cidade pode ser verificada mesmo através dos títulos de algumas notícias, que normalmente destacam que a violência é comum a determinadas áreas e a outras, não. Como afirma Fausto Neto (1999, p. 18), “as mídias transformam-

⁵ Portal G1. “Políciais do Raio e Ciopaer passam a atuar na região Norte do Ceará”. 25 out. 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/10/policiais-do-raio-e-ciopaer-passam-atuar-na-regiao-norte-doceara.html>>. Acesso em 8 de novembro de 2015.

se em lugares de passagem daquilo que a sociedade produz discursivamente”, atuando na reprodução e amplificação de impressões que a própria sociedade cria, atribuindo-lhes caráter de verdade.

Assim, é comum observar-se, quando crimes são realizados em bairros já socialmente reconhecidos como violentos, notícias com títulos como “Sobral: Mais um homicídio a bala no bairro Terrenos Novos nesta sexta”⁶, “Sobral-CE / Mais um homicídio é registrado no bairro Terrenos Novos”⁷, “Sobral – Mais um crime a bala nos Terrenos Novos em Sobral(CE)”⁸.

Teoricamente, a espetacularização da violência, promovida pelos formadores de opinião, que destacam os crimes ocorridos em áreas segregadas pelo poder público, muitas vezes recorrendo a uma linguagem com características que remetem claramente ao sensacionalismo⁹ associada, por outro lado, a um marketing positivo poderoso de bairros de interesse do mercado imobiliário, alavanca os negócios, levando indivíduos com maior poder aquisitivo a procurar essas “áreas seguras” e de “qualidade de vida”.

Enquanto criam-se verdadeiros oásis de segurança, surgem “territórios de violência”, segregados e marginalizados, impondo-se aos moradores condições precárias e atribuindo-lhes uma identidade negativa.

É possível aferir que nestes espaços segregados há ausência de serviços públicos e equipamentos para uma qualidade de vida das populações que aí residem. Na falta desta dimensão da vida social, econômica e estrutural, cultural e política, desenvolveu-se um ‘território da criminalidade’. Como afirmam Borges e Nascimento (*Et. al.*, 2016, p. 2-3):

⁶ Roberto Lira Notícias. “Sobral: Mais um homicídio a bala no bairro Terrenos Novos nesta sexta”. 13 dez 2013. Disponível em: <<http://www.robertoliranoticia.net/2013/12/sobral-mais-um-homicidio-bala-no-bairro.html>>. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

⁷ Portal Pedro Guimarães. “Sobral-CE / Mais um homicídio é registrado no bairro Terrenos Novos”. 11 nov. 2013. Disponível em: <<http://portalpedroguimaraes.com.br/sobral-ce-mais-um-homicidio-e-registrado-no-bairro-terrenos-novos/>>. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

⁸ Sobral Agora. “Sobral – Mais um crime a bala nos Terrenos Novos em Sobral(CE)”. 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://sobralagora.com.br/2013/06/sobral-mais-um-crime-a-bala-nos-terrenos-novos-em-sobralce/>>. Acesso em 07 de janeiro de 2017.

⁹ Conforme explica Rosa Nívea Pedroso (apud ANGRIMANI, 1995. p. 15): “Intensificação, exagero, e heterogeneidade gráfica; ambivalência linguístico-semântica, que produz o efeito de informar através da não identificação imediata da mensagem; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; adequação discursiva ao status semiótico das classes subalternas; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; valorização de conteúdos ou temáticas isoladas, com pouca possibilidade de desdobramento nas edições subsequentes e sem contextualização político-econômico-social-cultural; discursividade repetitiva, fechada ou centrada em si mesma, ambígua, motivada, autoritária, despolitizadora, fragmentária, unidirecional, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa; exposição do oculto, mas próximo; produção discursiva sempre trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica; especificidade discursiva de jornal empresarial capitalista, pertencente ao segmento popular da grande empresa industrial-urbana, em busca de consolidação econômica ao mercado jornalístico; escamoteamento da questão do popular, apesar do pretense engajamento com universo social marginal; gramática discursiva fundamentada no desnivelamento sócio-econômico e sociocultural entre as classes hegemônicas e subalternas.”

De maneira inicial é necessário entender, a relação entre o território e a violência. [...] a ineficiência de políticas públicas, contribuem para a territorialização de agentes ligados ao crime, pois conforme Raffestin (1993) não existe vácuo de poder. Desse modo, onde o Estado se faz insuficiente, outros agentes passam a se territorializar, estabelecendo relações de poder para controlar a população e realizar suas atividades ilícitas. É nesse sentido que a categoria território se faz fundamental, pois nos permite compreender as diversas territorialidades de poder.

Seguindo esta linha de raciocínio, vale destacar a relação território e criminalidade. Inicialmente é importante compreender nesta análise o que se entende por território. Como assinalam Borges e Nascimento (*Et. al.*, 2016, p. 3):

Na concepção de Raffestin (1993) *O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa)* (grifo do autor). Para o autor o espaço é entendido como matéria-prima, o espaço seria então, a realidade material que preexiste há qualquer ação, ou seja, destituído de intencionalidades e de qualquer relação que implique em domínio. Segundo Raffestin (1993), qualquer representação no espaço já é uma apropriação, que revela a imagem desejada/planejada de um território. O espaço é sempre anterior e maior que o território. O espaço é a matéria, o território seria mais metafísico.

Ou como afirma Tiago Teixeira (2010, p. 03), o território seria formado pelas relações de poder que se dão em um recorte do espaço, através de uma troca constante de energia e informação, “isto é, por meio do trabalho, trabalho relacionado a qualquer energia empregado com um determinado conhecimento, em todos os níveis de relações”.

Ou segundo Haesbaert (2014), o território seria a constituição do espaço a partir das relações sociais, com atuação e protagonismo de atores e sujeitos sociais com seus interesses. Estes sujeitos, segundo Haesbaert, fariam a distinção dos territórios. Para o autor, o conceito de território tem distinção entre território como categoria de análise, como categoria da prática e como categoria normativa- distinção esta que se dá, sobretudo, a partir dos distintos sujeitos que estão envolvidos na questão.

Desse modo, segundo diversos autores utilizados neste primeiro momento da pesquisa, os “territórios da violência” são constituídos a partir das relações dos diversos atores sociais, que atuam em determinada porção do espaço, apropriando-se dele e modelando suas bases de acordo com seus interesses. No caso dos criminosos, ocupar o vácuo de poder deixado pelo Estado, estabelecendo novas regras de convivência à margem das leis estatais, de forma a garantir a prevalência das condições necessárias para manterem seu domínio através de atos de violência.

No caso dos territórios da violência e de segurança, focados nesta pesquisa, há ainda a atuação dos agentes imobiliários, que no interesse de especular valores de imóveis auxiliam nesta criação de imaginários, dos formadores de opinião, representados pela imprensa local, profissionais da

área de segurança privada além, é claro, da própria população, que absorve estes estereótipos e ajuda a perpetuá-los.

3. AS NARRATIVAS: PLURALIDADE E DIVERGÊNCIA

Como mencionado anteriormente, a pesquisa dará destaque aos depoimentos colhidos com determinados personagens inseridos nessa realidade caracterizada pela territorialização da violência e pela especulação imobiliária.

Mas cabe assinalar que a opção em trabalhar com cruzamento de fontes orais e escritas é uma abordagem que implica pensar os pesquisadores dentro de suas práticas, considerando suas trajetórias, bagagens culturais, relações sociais etc. Tal perspectiva considera a pluralidade, as diferenças entre pessoas, pois é importante, como afirma (FENELON, 1983):

[...] produzir uma história que será sempre política, porque inserida no seu tempo e comprometida com ele [...] na esperança de estarmos, de alguma maneira com nosso trabalho ajudando a construir o futuro, numa perspectiva transformadora.

A perspectiva é construir uma história que não se limita a narrar os eventos, mas enfatiza seus significados, com isso, cada página dessa história contém a palavra, o sentimento, a decepção, as alegrias, as divergências, enfim, as narrativas dos interlocutores que são explicitadas por eles mesmos e que contam “as verdadeiras raízes da vida” (HOGGART, 1973).

Dessa forma, esta pesquisa não tem como objetivo primordial elencar uma série de dados e, a partir apenas deles traçar um panorama das construções mentais acerca do fenômeno da violência urbana, mas sim confrontar estes dados com as falas da população local. Evidentemente que é necessário recortar a realidade para que a pesquisa possa se tornar realizável, e por isso, as entrevistas serão centradas em um público relevante devido seu papel junto às comunidades locais: os pequenos empresários, proprietários de pequenos comércios de bairro (mercearias).

A escolha se deu por seu papel agregador, pois seus estabelecimentos tornam-se referência nos bairros, muitas vezes desempenhando papel de ponto de encontro em determinadas comunidades, além da vulnerabilidade à violência a qual estão expostos, de acordo com verificação prévia de notícias relacionadas à crimes praticados na região. Além destes, há os corretores de imóveis que atuam nos bairros, para verificar como constroem seus discursos sobre a situação de segurança no município e se tem a consciência de que sua atuação ajuda a sedimentar estes sentimentos de (in)segurança, que por sua vez afetam os valores praticados no mercado imobiliário.

O material obtido a partir da realização de entrevistas será submetido à metodologia da Análise de Discurso, através da qual serão verificados elementos importantes para o estabelecimento

de discursos sobre a segurança nos bairros em estudo, como a polifonia, que nas palavras de Brandão (1996, p. 91), refere-se “à qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro”.

Nesse sentido, a possibilidade de dialogar, ouvir os interlocutores implica considerar também que lugar eles ocupam na realidade social. Para melhor compreensão, é necessário não desvincular a fala em si, de seu narrador, como afirma KHOURY,

As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la. Cada narrador dá uma interpretação da realidade e situa nela a si mesmo e aos outros e é nesse sentido que as fontes orais se tornam significativas para nós.

É através das entrevistas, que os atores sociais falam de si mesmos, de suas experiências no trabalho, falam de suas famílias, os pensamentos sobre o futuro, o mundo hoje. Pois, colocam-se frente ao fato de serem entrevistados; usam uma chave que abre infinitas lembranças, acontecimentos, memórias que evidentemente, é a história vivida por eles, em um determinado tempo e espaço.

Conversar e refletir com estes agentes, sem dúvida, amplia a percepção sobre nossas próprias trajetórias acadêmicas, pois se deve levar em conta que realizar uma entrevista é uma experiência com dimensão interpessoal que transforma a ambos os sujeitos (o narrador e o pesquisador) e viver este momento com atenção e paixão significa viver uma experiência de aprendizagem.

Sabemos que as falas e problemáticas sociais são consideradas por nós, para analisar, estudar e, de certa forma, entender a realidade social ontem e hoje. Neste sentido, vale também compreender o que vem a ser ‘territórios da violência’ a partir das experiências de pessoas que lidam com essa problemática e deixam registradas suas percepções, análises e ações propositivas no tocante ao cotidiano e como enfrentam estas situações.

Aventuramo-nos aos desafios da construção do conhecimento a partir das experiências dos sujeitos sociais e seus respectivos processos constituintes. Nessa esteira de pensamento, importa beber dos ensinamentos e reflexões de estudiosos que marcaram a historiografia contemporânea, como Edward P. Thompson, Erick Hobsbawm, Alessandro Portelli, em diálogo com as demais ciências humanas. Estes pesquisadores sempre estiveram atentos aos “becos sem saídas” ou “causas perdidas e os próprios perdedores” e são fontes inesgotáveis de inspiração, conhecimento e compromisso social.

Pensando no protagonismo de sujeitos sociais, assumimos uma perspectiva da pluralidade, da narrativa do sujeito como documento histórico. Este viés interpretativo reconhece que existem múltiplas visões, que há uma pluralidade de memórias e de sujeitos. Estes têm experiências

sociais vividas e compartilhadas, que acontecem num ambiente social, num contexto mais amplo, possuem narrativas únicas que têm dimensão social.

Hoje, é necessário ainda, incentivar e ouvir as narrativas destes sujeitos sociais. Ouvir é um desafio na atualidade marcada pela rapidez e “falta de tempo”, que não permite o “parar e escutar o outro”. Um dos caminhos para isso é a insistência na realização de entrevistas e, de forma simultânea, trabalhos que incentivam a recriação de falas, de espaços públicos de debates e expressão dessas narrativas. Pensando numa metodologia de pesquisa que não se encerra nela própria, que é também uma opção política, vale pensar no que afirmam pesquisadores como (PORTELLI, 2002, p. 45) assinalando que a história oral no início do século XXI é precisamente um método para contestar, para dizer não a uma ideologia hegemônica/individualista, incentivando a participação popular nos acontecimentos históricos.

Dialogar sobre estes temas tem um significado especial, pois compreendemos que as narrativas dos sujeitos sociais podem ser uma forma de afirmação de direitos e de valorização. Sugere assim a importância das falas na afirmação de si próprios e, de certa maneira, uma possibilidade de repensar a si, o outro e o mundo. Vale considerar que as falas, a partir de publicizadas, são reveladoras e contribuem para novas compreensões da história. Apropriamo-nos da narrativa oral levando em conta suas peculiaridades, como um enredo, onde as interpretações são construídas pelos sujeitos, como bem assinala KHOURY (2004, p. 80):

Como um gênero específico de discurso, impregnado de interrupções, digressões, repetições, correções, constituindo-se mais como um processo do que como um texto acabado, põe em evidência o movimento da palavra, da memória e da consciência, demandando um tratamento específico, que também pode ser proveitoso no sentido de ampliar e modificar a noção de fato histórico e, por esse caminho, contribuir para a incorporação de outros sujeitos à história.

Nesta dimensão, pesquisadores que desenvolvem a metodologia de trabalho com história oral sabem que esta contribui enormemente para a democratização do saber, pois as memórias plurais não pertencem a nenhum iluminado, nem tão pouco a instituições autorizadas e representativas dos homens e mulheres. Além dos estudiosos, vale destacar os interessados nesta maneira de abordar a história, na compreensão de que estamos todos inseridos dentro da “grandiosa teia, plural, dinâmica e heterogênea”. Tudo isso temperado com as emoções, as memórias ressignificadas. Não esqueçamos que este método de trabalho é democrático e abarca inclusive as subjetividades do pesquisador e narrador.

4. CONSIDERAÇÕES

As leituras iniciais sobre o tema desta pesquisa reforçam a ideia de que o método escolhido, alicerçado na união entre dados documentais e relatos de personagens envolvidos na realidade estudada, podem contribuir para o pensamento geográfico acerca da questão da violência urbana. A interdisciplinaridade, que torna menos rígidas as fronteiras entre as ciências, no caso específico desta pesquisa, as ciências humanas, é uma aliada fundamental para que se possa traçar um panorama mais fiel dos fenômenos humanos estudados em suas diferentes vertentes.

Mais do que desenhar as fronteiras de territórios da violência ou narrar a história de como eles foram construídos, esta pesquisa se propõe a refletir sobre como estas construções espaciais, históricas e mentais afetam a vida das pessoas. O principal objetivo é sim verificar se e como as pessoas que constroem, reconstróem e são construídas e reconstruídas por suas realidades refletem sobre seu papel social.

Mais do que uma pintura onde a comunidade é apenas parte da paisagem, os territórios são constituídos e constituem as pessoas em um ato contínuo onde os discursos produzidos por elas ajudam a entender a relação dialógica entre o homem e o espaço que ele modifica, seja através de sua força de trabalho, seja através de construções mentais, seja através da imposição por meio do poder, da força e da violência.

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que Sai Sangue: Um Estudo de Sensacionalismo na Imprensa**. São Paulo, SP: Summus, 1995.

BORGES, Rafael H. M.; NASCIMENTO, Robson P. B. do; VIEIRA, Denise, C. M.; ANDRADE, Lucas C. M. **Território, Violência e Criminalidade: uma análise geográfica sobre os índices de homicídios no bairro do PAAR em Ananindeua-PA**. Anais XVIII Encontro Nacional dos Geógrafos, São Luís/MA, Jul. 2016. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468267933_ARQUIVO_Trabalho-Eng-Rafael,Robson,DeniseeLucas.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2016.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP, Unicamp, 1996.

CHAGAS, Clay Anderson Nunes. **Geografia, Segurança Pública e a Cartografia dos Homicídios na Região Metropolitana de Belém**. Boletim Amazônico de Geografia, Belém, n. 1, v. 01, p. 186-204, jan./jun. 2014. Disponível em: <ppgeoufpa.net/boletim/index.php/boletim/article/download/12/pdf_012>. Acesso em: 05 jan. 2017.

FENELON, Déa Ribeiro. **Cultura e História Social: historiografia e pesquisa**. In: História e Cultura. n. 10, São Paulo, dezembro de 1983.

FREITAS, Geovani Jacó de; BRASIL, Glaucéria Mota; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. **Morte em fronteiras: jovens “matáveis” nos celeiros da política e da cidade**, Configurações [Online], 10 | 2012, posto online no dia 17 Fevereiro 2014, Disponível em: < <http://configuracoes.revues.org/1509>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 3. ed., São Paulo, SP: Loyola, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2014.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos**. v. 1 Lisboa: Presença, 1973.

KHOURY, Yara Aun. **Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o Sujeito na História**. In: Muitas Memórias, Outras Histórias. Déa Fenelon Ribeiro, Laura Antunes (Org). São Paulo, Olho D'água, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **A Cidade do Capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LIMA, Luis Carlos de Sousa; FREITAS, Nilson Almino de. **Territórios do Rock em Sobral: Um Ensaio**. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral/CE, v. 17, n. 1, p. 18-29, Mar. 2015, Edição Especial. Disponível em: < <http://uvanet.br/rcgs>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

LIMA, Juscelino Gomes; HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. **“Vende-se uma Cidade no Sertão Cearense: Vetores e Condições para Transformações Espaciais em Sobral/CE**. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral/CE, v. 16, n. 1, p. 40-56, 2014. Disponível em: < <http://uvanet.br/rcgs>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NETO, Antônio Fausto. **Comunicação e Mídia Impressa: Estudo sobre a AIDS**. São Paulo, SP: Hacker, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Silêncio e Implícito (Produzindo a monofonia)**. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **História e Sentido na Linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **História hora e memórias: entrevista com Alessandro Portelli**. In Revista História e Perspectiva. Universidade Federal de Uberlândia, Cursos de História, N 26, Uberlândia, Julho 2002, p 27-54.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. França. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, Antonia Helaine Veras; HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. **As Feições da Especulação Imobiliária e a Produção do Espaço da Cidade Média de Sobral-CE**. Revista da Casa

da Geografia de Sobral, Sobral/CE, v. 14, n. 1, p. 44-58, 2012. Disponível em: < <http://uvanet.br/rcgs>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

SANTANA, Lorena de Lima Sanches. **Geografia e violência na periferia de Belém: uso do território, produção do espaço e índices de homicídios nos bairros do Guamá, Terra-firme e Jurunas. Belém-pa.** VI Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales. Disponível em: <<http://6cieta.org>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão e WHITACKER, Arthur Magon (orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural.** 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

TEIXEIRA, Tiago Roberto Alves. **O Conceito de Território como categoria de análise.** Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, Porto Alegre/RS, Jul. 2010. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=617>>. Acesso em: 27 nov. 2016.